



CENSO DA EDUCAÇÃO

Ensino superior EaD bate recorde

Com aumento de 286,7% em 10 anos, cursos a distância superaram, pela primeira vez na história, a modalidade presencial. Levantamento do MEC mostrou que o modelo on-line se tornou principal porta de entrada para o nível superior

» RAFAELA BOMFIM*

O ensino superior brasileiro alcançou em 2024 um marco inédito: mais de 10,2 milhões de estudantes matriculados em cursos de graduação. O dado é do Censo da Educação Superior divulgado, ontem, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). O levantamento mostrou que esse é o maior volume registrado em 45 anos da série. No entanto, por trás desse avanço histórico, está um fenômeno que, ao mesmo tempo que amplia o acesso, desafia a qualidade e a permanência: a explosão da Educação a Distância (EaD). O aumento foi de 286,7% em 10 anos.

A modalidade superou o presencial pela primeira vez em número absoluto de alunos matriculados — agora com 50,7% do total — e também se tornou a principal porta de entrada para o ensino superior no país. Entre os ingressantes, 69% optaram por cursos a distância. Enquanto a EaD avançou 286,7%, o tradicional encolheu 22,3% no mesmo período, segundo o Ministério da Educação.

Para o diretor de Estatísticas Educacionais do Inep, Carlos Eduardo Moreno, essa é “uma mudança estrutural no sistema”. A expansão tem como base principal a iniciativa privada: 93,8% dos ingressantes em licenciaturas EaD estão matriculados em instituições com fins lucrativos. No total, o setor privado concentra 91,7% das vagas em cursos não presenciais. Apenas quatro instituições privadas respondem por 23% das matrículas de graduação no país.

O volume de vagas oferecidas pela EaD impressiona: foram mais de 18,5 milhões em 2024, o equivalente a 79% da oferta total do ensino superior. Além disso, o número de cursos nessa modalidade cresceu 256% nos últimos seis anos, alterando também o perfil da formação superior no país.

Pedagogia lidera o ranking de maior número de estudantes a distância, com 878 mil matrículas, seguida por administração, direito e sistemas de informação. Em muitos casos, essas graduações chegam a municípios onde não há nenhuma instituição de ensino superior presencial.

Atualmente, a EaD está presente em 3.387 municípios — 61% do total de cidades brasileiras. Em cerca de 2.300 deles, a única opção de graduação é por meio da modalidade remota, atendendo a mais de meio milhão de estudantes. Na rede pública, ainda majoritariamente presencial, a distância também cresce: houve aumento de 14% na oferta de vagas entre 2018 e 2024. Já são 6,9% dos alunos matriculados em cursos não presenciais nas instituições federais.

Avanço com fragilidade

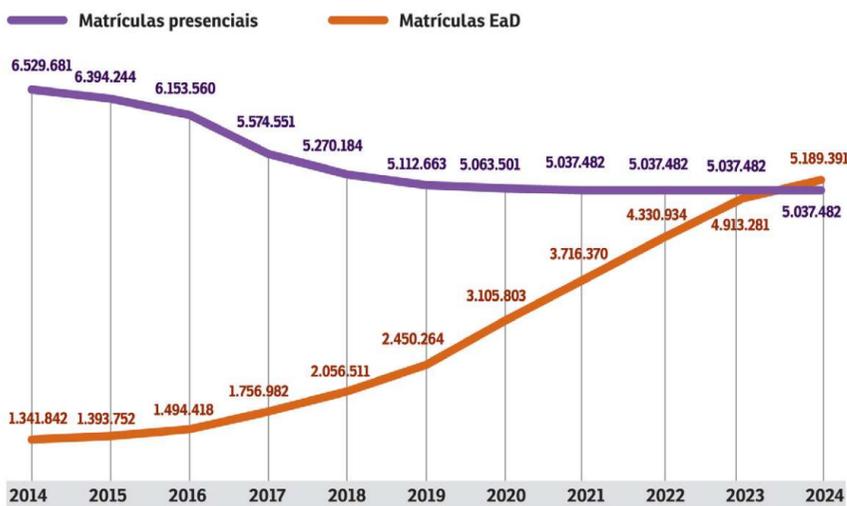
Apesar dos avanços, a educação a distância enfrenta um problema grave e persistente: a evasão. Em 2024, a taxa de abandono nos cursos EaD foi de 24,1%, mais que o dobro da registrada no ensino presencial (9,5%). Em um recorte de longo prazo, a situação se agrava: entre os estudantes que ingressaram em 2015, 65% dos matriculados em EaD haviam desistido da graduação após 10 anos. Entre os presenciais, a evasão no mesmo período foi de 34%.

Além da alta evasão, os cursos a distância registram menores taxas de conclusão. Apenas 33% dos alunos da corte de 2015 concluíram a graduação em EaD, enquanto o percentual entre os presenciais chegou a 40%.

A precariedade do modelo também se reflete na relação entre alunos e docentes. Na rede privada, a proporção é de 53 alunos por professor nos cursos a distância — cinco vezes mais que a média do ensino presencial, que é de 10. Isso

Ensino a distância em alta

Matrículas em cursos de graduação por modalidade de ensino (2014-2024). Dados mostram o crescimento explosivo do EaD nos últimos anos



*Dados numéricos para a matrícula Presencial de 2021 a 2024 demonstram uma estabilização após a queda observada desde 2014; *Em 2024, as matrículas totais na educação superior ultrapassaram 10 milhões de estudantes. A modalidade EaD foi responsável por esse marco; Fonte: Ministério da Educação

compromete o acompanhamento pedagógico, o suporte individualizado e a retenção dos estudantes.

“O perfil do aluno de EaD envolve múltiplas vulnerabilidades: trabalha, cuida da casa, tem acesso limitado à internet e falta de apoio acadêmico. Sem tutoria ativa e políticas de permanência, a evasão é uma consequência previsível”, afirma o professor William Dornela, pesquisador em docência no ensino superior.

Na avaliação dele, é preciso rever o modelo. “A tecnologia é uma aliada, mas não pode substituir o contato humano. A EaD, como está posta hoje em grande parte do setor privado, tornou-se uma engrenagem de escala, mas com fragilidade formativa.”

Ciente dos problemas, o Ministério da Educação anunciou, em maio de 2024, uma nova política regulatória para a modalidade. A principal mudança é que nenhum curso poderá ser oferecido 100% a distância. Além disso, formações como medicina, enfermagem, psicologia, odontologia e direito deverão ser exclusivamente presenciais.

Em maio, o chefe da pasta, Camilo Santana, declarou que não há comparação entre cursos a distância e presenciais. “Há uma grande diferença na qualidade”, disse, durante participação na comissão de Educação da Câmara. “Não acredito que o brasileiro quer ser atendido por um enfermeiro formado 100% a distância”, concluiu.

“O crescimento da EaD é, sim, uma vitória no acesso, mas não podemos fechar os olhos para o que ele esconde: exclusão digital, formação precária e alto abandono”, diz Dornela. “A universalização do ensino superior passa, necessariamente, pela valorização da permanência, da aprendizagem e da qualidade”, acrescenta.

* Estagiária sob supervisão de Luana Patriolino

MEIO AMBIENTE

Plantas do Cerrado para reflorestar

» GABRIELLA BRAZ

Uma iniciativa coordenada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) mostra o potencial de plantas nativas do Cerrado no reflorestamento de áreas devastadas pela mineração de ouro. O estudo, publicado hoje, levou ao reflorestamento de taludes (estruturas inclinadas com presença de rejeitos) em uma barragem na mina Morro do Ouro, em Paracatu (MG).

O objetivo é fornecer parâmetros que podem ser usados pelas mineradoras. “Nossa meta é desenvolver um protocolo de revegetação que funcione nessas condições, para que possa ser adotado também em outros locais”, explica a pesquisadora Leide Andrade, responsável pelo projeto. “Não adianta importar soluções que funcionam em outros biomas. A tecnologia precisa nascer aqui, no campo, com nossos solos, nosso clima e nossas espécies”, acrescenta.

De acordo com a legislação, é obrigatório manter o solo com

cobertura vegetal, mas seguindo alguns critérios, o que diminui o rol de possibilidades de espécies. “Está sendo realmente desafiador revegetar aquele ambiente com espécies que conhecemos da agricultura”, destaca a pesquisadora Fabiana Aquino, também integrante do projeto.

Segundo ela, as plantas usadas não podem ter raízes profundas, para evitar danos ao solo. É necessário ainda que sejam espécies menores, para facilitar o monitoramento do solo. “Na agricultura, buscamos sempre produzir mais. Ali, temos que cobrir o solo e buscar produzir o mínimo possível”, comenta.

O projeto, que conta com parceria da mineradora Kinross Gold Corporation, apresentou resultados promissores e esperança para as áreas afetadas. “A mineração transforma o território, mas a forma como restauramos essas áreas também pode ser transformadora. Queremos criar modelos que respeitem a biodiversidade local”, defende Leide Andrade.

Divulgação/Embrapa



Embrapa busca recuperar áreas devastadas por mineração de ouro em Minas Gerais

Processo

Antes de iniciar os testes, o grupo de pesquisadores fez uma análise para entender as necessidades do solo. O estudo mostrou um cenário pouco propício para a vida vegetal, com solos ácidos, compactados, com baixa fertilidade, pobres em matéria orgânica e baixa atividade

microbiológica, além da presença de metais tóxicos.

Para lidar com o panorama, Andrade explica que a escolha das espécies ideais é um processo crucial. A pesquisa, ainda em fase de execução, testou uma série de combinações entre plantas nativas e exóticas adaptadas ao bioma, caracterizado por áreas de cerrado e cerrado típico.

Após análise da vegetação e de sementes, os pesquisadores da Embrapa partiram para os testes. Na primeira experimentação, a equipe apostou em plantas bem adaptadas às condições locais, como a grama pensacola e a braquiária humídica (conhecida como capim-agulha), além de incluir leguminosas como a dormideira (*Mimosa somnians*), nativa do Cerrado.

No entanto, Andrade destaca a baixa oferta de sementes no mercado.

A pesquisa inovadora tem raízes em trabalhos anteriores, mas com novos desafios. Em 2006, a Embrapa atuou no reflorestamento de áreas degradadas pela mineração de níquel. Os testes em parceria com a mineradora Anglo American ocorreram em Niquelândia e Barro Alto, em Goiás.

» Temporal em São Paulo

O temporal que atingiu São Paulo na tarde de ontem voltou a provocar danos à rede elétrica do estado. Ao todo, pelo menos 579,5 mil consumidores estão sem energia na área de concessão da Enel SP. Os locais mais afetados são os bairros do Jaraguá, Pinheiros, Mooca, Lapa e Vila Sônia. A capital paulista foi atingida por um forte temporal, com ventos que chegaram a 98,2 km/h no Campo de Marte, e 87 km/h no Aeroporto de Congonhas. Sete voos também tiveram de ser alternados para outros aeroportos, de acordo com a concessionária responsável, a Aena. (Agência Estado)